

# 1

Por mais que as várias centenas de milhares de pessoas concentradas num território pequeno se esforçassem por desfigurar a terra em que se apertavam, por mais que a cravassem de pedras para que nada crescesse nela, por mais que exterminassem a mínima erva que brotasse, por mais que a enchessem de fumo do carvão e do petróleo, por mais que cortassem as árvores e escorraçassem todos os animais e pássaros — a Primavera era a Primavera mesmo na cidade. O sol aquecia, a erva, renascendo, crescia e verdejava por todo o lado onde não a raspassem, não só nos canteiros dos bulevares, mas entre as lajes da calçada, e bétulas, choupos e pados abriam as suas folhas pegajosas e fragrantas, os gomos das tílias inchavam até rebentarem; as gralhas-de-nuca-cinzenta, os pardais e os pombos, com alegria primaveril, já preparavam os ninhos, as moscas aquecidas pelo sol já zuniam junto às paredes. Estavam em alegria as plantas, os pássaros, os insectos e as crianças. As pessoas, porém — as pessoas grandes, adultas — não deixavam de se enganar e de se magoar, a elas mesmas e aos outros. Achavam elas que o sagrado e importante não era a manhã primaveril nem a beleza do mundo de Deus concedida para o bem de todas as criaturas — beleza que predispunha à paz, à concórdia e ao amor — mas que o sagrado e importante era o que elas próprias tinham inventado para ganharem poder umas sobre as outras.

Assim, no escritório da prisão provincial não era considerado sagrado e importante o facto de terem sido dadas a todos os animais e a todos os homens a ternura e a alegria primaveris, mas o facto de que, na véspera, havia sido recepcionado, com número, carimbo e título, um papel onde constava que neste dia 28 de Abril, às nove horas da manhã, deveriam ser levados a tribunal três presos mantidos em prisão preventiva — duas mulheres e um homem. Uma das

mulheres, na sua qualidade de criminosa mais importante, deveria ser levada separadamente. Por conseguinte, em conformidade com tal prescrição, em 28 de Abril, às oito da manhã, o carcereiro-chefe entrou no corredor escuro e malcheiroso da ala feminina. Seguiu atrás dele pelo corredor uma mulher de cara exausta e cabelo grisalho encaracolado, vestindo uma blusa com galões nas mangas e cingida com um cinto de debrum azul. Era a carcereira.

— É a Máslova que quer? — perguntou ela ao aproximar-se, na companhia do carcereiro de serviço, de uma das portas das celas que davam para o corredor.

O carcereiro, com tinidos de ferro, abriu a fechadura e, escancarando a porta da cela, donde soprou um ar ainda mais fedorento do que do corredor, gritou:

— Máslova, para o tribunal! — E voltou a encostar a porta, aguardando.

O ar, trazido pela brisa dos campos, até no pátio prisional era fresco, vivificante. No corredor, no entanto, descoroçoava-nos aquele ar de tifo, impregnado dos cheiros de fecálias, de breu e de podridão que logo enchia de tristeza e desânimo quem chegasse. Apesar de habituada à pestilência, até a carcereira vinda do pátio experimentou esta sensação. Mal se viu no corredor, sentiu de súbito cansaço e sono.

La grande azáfama dentro da cela: ouviam-se as vozes das mulheres e os passos de pés descalços.

— Despacha-te, Máslova, ouviste? — gritou o carcereiro-chefe para a porta da cela.

Dois minutos depois saía da porta, numa passada enérgica, uma mulher jovem, de pequena estatura, peito muito cheio, com uma bata cinzenta por cima da blusa e da saia brancas; virou-se rapidamente e parou ao lado do carcereiro. Calçava as botinas prisionais, nas pernas, meias de linho, na cabeça, um lenço branco donde assomavam anéis de cabelo preto, pelos vistos soltos intencionalmente. A cara da mulher tinha aquela brancura própria de quem passa muito tempo fechado e que faz lembrar a cor dos rebentos das batatas na cave. Brancos também o pescoço cheio que lhe saía da gola grande da bata e as mãos pequenas e largas. O que mais impressionava no seu rosto, sobretudo pelo contraste com a sua palidez mate, eram os olhos muito negros, brilhantes, um pouco opados mas muito animados; um deles era um tanto vesgo. Mantinha-se muito direita, alteando o peito soberbo. Ao sair para o corredor, empinou um pouco a cabeça, olhou o carcereiro a direito nos olhos e parou, pronta a cumprir tudo o que lhe exigissem. O carcereiro já ia fechar a porta quando espreitou lá de dentro a cara pálida, severa e enrugada de uma velha com o cabelo

branco descoberto. A velha pôs-se a dizer qualquer coisa a Máslova. Mas o carcereiro fechou-lhe a porta na cara e a cabeça da velha desapareceu. Ouviu-se dentro da cela a gargalhada de outra mulher. Máslova sorriu e virou-se para o postigo gradeado da porta. A velha, do outro lado, encostou a cara ao postigo e disse numa voz rouca:

— Vê lá, não digas coisas a mais, fica-te só numa e acabou-se.

— Só numa, por que não? Mal não pode fazer — disse Máslova, sacudindo a cabeça.

— Já se sabe que é só numa, e não em duas — disse o carcereiro-chefe com a certeza autoritária de ser espirituoso. — Comigo, marcha!

Desapareceu o olho da velha colado ao postigo, e Máslova avançou para o meio do corredor, começando a andar num passo célere e miúdo atrás do carcereiro-chefe. Desceram uma escada de pedra, passaram ao lado das celas dos homens, ainda mais fedorentas e barulhentas do que as das mulheres, e donde todos os olhos masculinos os observavam dos seus postigos, e entraram no escritório, onde já estavam dois soldados da escolta com espingardas. O escriturário deu a um dos soldados um papel impregnado de fumo de tabaco e, apontando para a reclusa, disse: «leva-a». O soldado, um mujique de Níjni Nóvgorod, com a cara vermelha carcomida pela varíola, meteu o papel no canhão da manga do capote e, sorrindo, piscou o olho ao seu camarada, um tchuvache<sup>1</sup> de maçãs do rosto largas, apontando para a reclusa. Os soldados com a prisioneira desceram a escada e dirigiram-se para a saída principal.

Aberta a cancela do portão principal, os soldados e mais a prisioneira saíram e meteram pela cidade afora pelo meio das ruas calçadas.

Os cocheiros, os lojistas, as cozinheiras, os operários, os funcionários paravam e olhavam com curiosidade para a prisioneira; alguns abanavam as cabeças e pensavam: «ao que leva um mau comportamento, diferente do nosso». As crianças olhavam aterrorizadas para a bandida, acalmando-se apenas quando viam que os soldados a escoltavam e que, assim, ela já não podia fazer mal. Um mujique da aldeia que já vendera o seu carvão e tomara chá na casa de pasto, aproximou-se dela, benzeu-se e deu-lhe um copeque de esmola. A presa corou, inclinou a cabeça e murmurou qualquer coisa.

Sentindo os olhares em cima dela, a mulher, sem virar a cabeça, olhava de lado, imperceptivelmente, para a gente que a observava, e

---

<sup>1</sup> Tchuvache — representante de uma etnia que habita principalmente na margem direita do rio Volga; a sua língua pertence à família das línguas turcas. (NT)

divertia-a aquela atenção posta nela. Também a alegrava o ar puro primaveril, em contraste com o da cadeia; mas doíam-lhe os pés quando pisava as pedras da calçada, por terem perdido o hábito de caminhar e por estarem calçados com as incômodas botinas prisionais, e então olhava para o chão e tentava tornar a passada o mais leve possível. Passando junto à venda das farinhas, em frente da qual se bambolevam os pombos que ninguém incomodava, a prisioneira por pouco não tocou com o pé num cinzento; o pombo esvoaçou e passou-lhe a rasar a orelha, criando uma aragem com o bater das asas. A prisioneira sorriu, mas logo suspirou, pesarosa, ao lembrar-se da sua situação.